

O papel do livro é o do mestre silencioso e quase onipresente, determinando a renovação do mundo.



Muitos escritores de alma às escuras valem-se da força que ele representa, a fim de estender a sombra que lhes povoam o campo infinito e articulam fantasmas inquietantes para a mente humana e para si próprios.



Entretanto, à medida que a cultura de ordem superior lança raízes na alma da coletividade, inclina-se o livro dentro de mais ampla energia vivificante para a esfera do bem.



Em todos os tempos e por toda a parte, expande-se-lhe o poder criador.



Conquistadores de todos os matizes manejam a espada política da dominação, mas é o livro que governa o espírito popular.



Dele procede a maioria dos movimentos humanos de elevação ou decadência e, de manei-

ra invariável, segue a romagem da criatura, desde a aurora da evolução intelectual.



Escrito em pedras e papiros, em pergaminhos, em tabuinhas enceradas, em placas de metal e em panos, até o império glorioso da imprensa moderna, controla os pensamentos da Humanidade, através de todas as épocas.



Egípcios e hindus, israelitas e assírios, persas e gregos, cartagineses e romanos, nele encontram grande potenciador do progresso, incubando sementeira de paz e guerra, erigindo monumentos científicos e disseminando discussões filosóficas, construindo escolas e templos, oficinas e tribunais.



É por isso que, na arregimentação doutrinária do Espiritismo Cristão, o poder do livro cresce cada vez mais, espalhando iniciativas de benemerência e luz divina, por reestruturar a constituição da vida em todos aqueles que se sentem tangidos pela sede de reforma interior.



Dele nascem o estudo e a experimentação, a bênção do esclarecimento e o manancial do consolo, o santuário para os crentes e o abrigo

aos sofredores, a lição transformadora e, sobretudo, o renascimento oculto do homem para a nova luz que lhe descortina horizontes mais vastos ao trabalho e à sublimação, sob a égide do Cristo, nosso Mestre e Senhor.



Amparados, assim, pela Revelação Nova, não nos esqueçamos de que a primeira dádiva tangível do Céu para a Terra, nas bases profundas da introdução ao Cristianismo foi o Livro dos Mandamentos, de Jeová para Moisés, na consagração da Justiça, e de que todo o nosso esforço, nas diversas Casas do Espiritismo Consolador, não é senão o serviço de revivência do Evangelho, o Livro Divino, através do qual o Mestre Crucificado continua regenerando a Humanidade e elevando-a, através dos seus ensinamentos de amor e humildade, para os montes celestes da paz e da redenção.

EMMANUEL

O LIVRO LIVRA

Cada livro edificante é porta libertadora.



O livro espírita, entretanto, emancipa a alma, nos fundamentos da vida.



O livro científico livra da incultura, mas o livro espírita livra da crueldade, para que os louros intelectuais não se desregrem na delinquência.



O livro filosófico livra do preconceito, no entanto, o livro espírita livra da divagação delirante, a fim de que a elucidação não se converta em palavras inúteis.



O livro piedoso livra do desespero, mas o livro espírita livra da superstição, para que a fé não se abastarde em fanatismo.



O livro jurídico livra da injustiça, no entanto, o livro espírita livra da parcialidade, a fim de que o direito não se faça instrumento de opressão.

